

Ela é porco no horóscopo chinês, todavia serpentes eram sua fascinação. Por isso, observava-as pela janela. Uma cobra gigante se mostrava parcialmente por detrás daquele morro azul. Esse momento era o ápice do seu dia escolar. Fora dali, do mesmo modo, em vários momentos de sua vida passava com esses animais reconhecidamente assustadores, quiçá mortais, mas extremamente interessantes. Claro, numa enciclopédia de pesquisa escolar. Imaginava como seria tocar sua pele – pareciam escamas! Seriam geladas? Ásperas? Lisas? E mais uma coisa a instigava: como pode um bicho não ter pés e andar tão rápido? De cima de um banco, na varanda da casa da roça, viu com seus próprios olhos uma delas se safar da foice malévola de sua avó! E olha que aquela senhora não era de brincadeira. Nem mesmo os enormes porcos, com duas orelhas, uma boca grande cheia de dentes e, o mais extraordinário, com quatro pés e pernas grandes, conseguiam vencer sua força... Pobres animais! Gritavam – ora se gritavam – tão alto que a menina não conseguia se acercar, como costumava fazer em face de qualquer ação que envolvesse algo que não conhecia. E não importava para quão longe fosse, para debaixo da cama por exemplo, ainda podia ouvir aquele grito de desespero. Grito sabedor do inevitável. Capitulção. Fim. O momento em que o grito, esvaindo-se aos poucos, finda finalmente com o cerrar dos olhos irresistíveis sem vida. Por pior que pudesse parecer a situação, atônita espreitava a menina, afastada pois sim. O medo não conseguia vencer sua curiosidade. Assim, pode presenciar um momento de transformação – do ser vivo ao ser morto. Acabou o porco. Chegou a linguíça.

Não muitos anos depois, podia encontrar algum paralelo daquela cena com suas elucu-

PORCA SER P



brações. De tantas voltas que dava sua mente por ali e acolá nos morros azuis avistados pela janela, se sentiu porco. Enfileirada, assustou-se com a estridente e áspera toada de uma voz: “Menina acorda! Presta atenção! Parece que está no mundo da lua!”. “Puxa vida, quem me dera...!” – pensava. Até que viajava por aí, mas estava mesmo é na escola. Pensava em responder: “Não. Estava no mundo das serpentes... E também pensando na morte de um porco na casa da minha avó. Tudo muito mais interessante do que esta aula sobre raiz quadrada, que a gente não consegue entender para que serve!” Calou-se, porém, aborrecida.

MENTE

ENTE



Aquela situação era muito contraditória com os momentos precedentes ao início das aulas. Esse descontentamento parecia improvável, mesmo impossível, quando se preparara para ao ano letivo e comprara seu material escolar. Passara tempos e tempos apreciando os cadernos, as canetas de cores variadas. Tudo indicava que adorava a escola... Mas claro que sim. A escola que imaginava em seus devaneios... Durante as férias escolares esquecia, talvez por força de sua vontade de saber das coisas e de se comunicar, que naquele espaço era obrigada a pensar e comunicar-se num formato determinado, que lhe custava muita energia,

garantia-lhe pouco prazer e resultava sempre em um grito porco desesperado de resignação... Cantar o Hino Nacional. Entrar na fila – uma de menino e outra de menina. Silêncio e imobilidade. Que sentido havia em ir para lá todos os dias se a cada dia um pedacinho de si morria através da intolerância e opressão ao invés de permitir-lhe o exercício da liberdade? Por que haviam de ficar quietos, presos na sala de aula quando não se apresentasse um professor? Por que aquela colega estúpida se prestava ao papel de anotar o nome de quem conversasse nesses períodos? Por que não aprendiam sobre o tatu e a cobra cipó, que de vez em quando via no quintal de sua avó, em vez de aprenderem sobre ouriços do mar na aula de Ciências? Por que não achavam bonito quando ela pintava seus morros de azul nos desenhos de Educação Artística já que os via assim? As respostas dadas a suas perguntas fizeram sua extraordinária visão de ver azul nos morros adormecer por algum tempo. Passou a ver tudo verde mesmo. Por outro lado, passou a colorir suas notas e ficou boa em um tipo de matemática. Quatro bimestres. Nota máxima: 10; média mínima para aprovação: 5. A soma tem que dar no mínimo 20 no final do ano. Os números mais altos eram atingidos no início do ano, quando ainda se iludia que poderia ser interessante a vida ali dentro. Depois, de acordo com seu fôlego, buscava outros números para completar sua conta. Fazia-se de serpente. Esquivando-se daqui e dali. Ser serpente parecia ser porco. O fim inevitável e incontestável. Resignação. Grito desesperado em vermelho, sangue, olhos cerrados. Acabou o porco.

Por Andréa
de Moraes
Barros